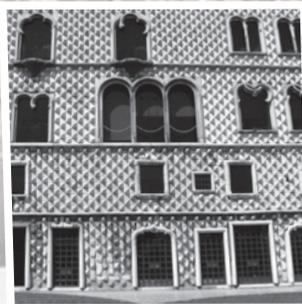


1 Casa dos Bicos / A Casa dos Bicos foi construída em 1523 a mando de D. Brás de Albuquerque, filho de Afonso de Albuquerque, governador da Índia. Segundo Vieira da Silva, a muralha da Cerca Moura foi totalmente arrasada para a construção do palácio, mas escavações mais recentes (início dos anos 80) encontraram vestígios pertencentes à estrutura defensiva. A grande atração e originalidade da Casa dos Bicos é o facto de a sua actual fachada estar revestida de pedra aparelhada em forma de ponta de diamante, possivelmente fruto da inspiração que D. Brás de Albuquerque terá tido ao contemplar construções semelhantes em Itália, nomeadamente, o *Palazzo dei Diamanti* em Ferrara. Além da estrutura semicircular pertencente à muralha tardo-romana, foram encontrados no seu interior quatro tanques de salga romanos, parte de uma torre medieval e um troço de pavimento mudejár.



8 Pátio das oficinas da FRESS / No pátio das oficinas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva pode-se observar o maior pano de muralha que ainda hoje sobrevive a séculos de história. Neste local privilegiado, podemos observar três torres facilmente identificáveis. A norte podemos ver as duas torres que defendiam a entrada pelos Pátios de D. Fradique; a sul podemos ver uma torre que ainda possui as suas ameias bem visíveis pelo contorno das construções que as preencheram.

8

2 Arco das Portas do Mar (antiga torre) / O actual Arco das Portas do Mar é o terceiro a receber este nome, tendo sido aberto numa torre da Cerca Moura, como se pode observar no quadro, que mostra a partida de S. Francisco de Xavier para a Índia, da autoria de José Pinhão de Matos e como confirma o Tombo de 1755: "que da parte do poente e nascente é Muralha e mostra ter sido Torre". Actualmente, o Arco das Portas do Mar é um arco de volta abatida, com 3,7m de largura e 9m de comprimento e estabelece comunicação entre a rua dos Balchoeiros e a rua Afonso de Albuquerque.



9 Pátio da Senhora de Murça / No interior deste tradicional pátio da Lisboa antiga, ao qual se tem acesso pela rua de S. João da Praça, podemos ver um pano de muralha relativamente bem conservado. Aqui podemos observar diferentes níveis da muralha, alvo de várias reparações ao longo dos séculos, e a intervenção arqueológica por parte do Museu da Cidade. A muralha revela-se de forma excepcional neste pátio e no interior do restaurante Pátio de Alfama, onde parte considerável da Cerca se mantém como parede.

9

3 Arco Escuro (antiga porta do Mar) - (Bab al-Bahr) / O Arco Escuro corresponderia aproximadamente à antiga Porta do Mar que pertence à Cerca Moura. Esta porta provavelmente servia directamente de entrada da praia para a cidade e teria grande importância para o seu abastecimento. Deve ser esta a porta que o Cruzado refere no seu relato da conquista como a porta *contra mare* (voltada ao mar). Segundo Al-Himyari, nesta porta "penetram as ondas pela maré-cheia, e vêm, numa altura de três braças, bater contra a muralha contígua". A sua importância é atestada por ser defendida pela torre que se erguia a sul da muralha, a chamada torre da *Escrevaninha*, a qual teve um papel relevante na tomada de 1147, quando os cruzados ingleses construíram uma torre móvel para a conquistar.



4 Porta do Ferro - Porta do Ocidente (Bab al-Garb) ou Porta Maior (Bab al-Kabir) / No actual largo de Santo António da Sé ficava a principal porta de entrada em Lisboa. Segundo Al-Himyari, esta porta da Cerca Moura era "encimada por arcos sobrepostos que assentam em colunas de mármore, por sua vez apoiadas em envasamentos de mármore". Seria esta a principal entrada na Medina, da qual já absolutamente nada resta. O cruzado, no seu relato, denomina esta entrada como Porta do Ferro. Mais tarde, passou a ser também denominada Arco de Nossa Senhora da Consolação, nome adoptado até ao terramoto de 1755, que destruiu a capela de Nossa Senhora da Consolação, que ainda se mantinha sob o arco da antiga entrada.



5 Porta da Alfôfa - (Bab al-Hawha) / A Porta da Alfôfa, situada na actual rua do Milagre de Santo António, dava passagem da rua da Costa do Castelo, uma estrada de circunvalação da fortaleza, para o interior da cidade. Esta porta seria protegida por duas torres, uma totalmente desaparecida, do lado norte, e outra do lado sul, da qual ainda subsiste o envasamento, sob o qual existe hoje um prédio (n.ºs 2-4), cujos andares superiores pertencem ao prédio contíguo (n.º6), hoje o hotel Solar dos Mouros. O nome Alfôfa é de clara origem árabe (al-Hawha), e significaria porta do postigo.



6 Pátio de D. Fradique / Os dois pátios de D. Fradique, de Cima e de Baixo, ligam-se por um corredor abobadado, onde se situaria a anterior porta antiga da Cerca. O corredor possui cerca de 22m de comprimento e 3,5m de largura, sendo que, sobre este ergue-se uma das torres de defesa da porta de entrada na cidade e, pouco mais a sul, revela-se, ainda hoje, uma torre bem visível dos pátios das oficinas da Fundação Ricardo Espírito Santo. Actualmente apenas o Pátio de Cima está recuperado, sendo que o Pátio de Baixo está em obras de recuperação.



7 Portas do Sol (Bab al-Maqbara) / O Largo das Portas do Sol herdou o topónimo da porta da cidade, sendo que o seu nome se deve obviamente à sua posição, virada a nascente. No período islâmico esta entrada na medina teria o nome de Bab al-Maqbara, ou seja, Porta do Almocávar. O Almocávar seria o antigo cemitério muçulmano que se estenderia desde as encostas de S. Vicente de Fora. É deste local que se consegue abarcar de forma mais geral o lanço oriental da Cerca Moura, sendo que se podem observar vestígios de várias torres.



A Cerca de Al-Ušbuna

GEO
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES
<http://geo.cm-lisboa.pt>

10 Porta e Torre de Alfama / A Torre de Alfama poderá ser uma torre albarã (do árabe *bar-rani* - exterior) ou uma torre coureça, que ainda hoje se mantém, na sua quase totalidade, ligada à muralha principal por um pano de muro com 26m de comprimento, o qual é bem visível na rua da Judiaria. Esta torre protegia a entrada para o interior da Medina, que era conhecida em época árabe como Bab al-Hamma, Porta dos Banhos. Este nome explica a etimologia de Alfama, visto que, perto desta entrada da cidade, estariam localizados, muito provavelmente, os banhos públicos (Hamman) de Al-Ušbuna. Na realidade, ainda hoje, esta zona específica de Alfama é rica em fontanários, aí existindo também alguns balneários públicos.

10

11 Rua da Judiaria / Na rua da Judiaria encontramos um pano de muralha bastante bem conservado, com dois contrafortes pertencentes à Cerca bem visíveis. Além disso, vê-se uma abertura na muralha que estava até há pouco tempo tapada por um prédio adossado à muralha, que foi demolido. Por cima da cerca foi construído um palácio, do qual ainda se podem observar três vãos de janelas em mármore, de estilo manuelino. Esta zona era uma pequena judiaria onde os judeus de Lisboa estavam confinados a viver, sendo que aqui teria havido uma sinagoga, construída em 1379, mas mandada fechar pouco depois, porque perturbava o funcionamento das igrejas mais próximas.

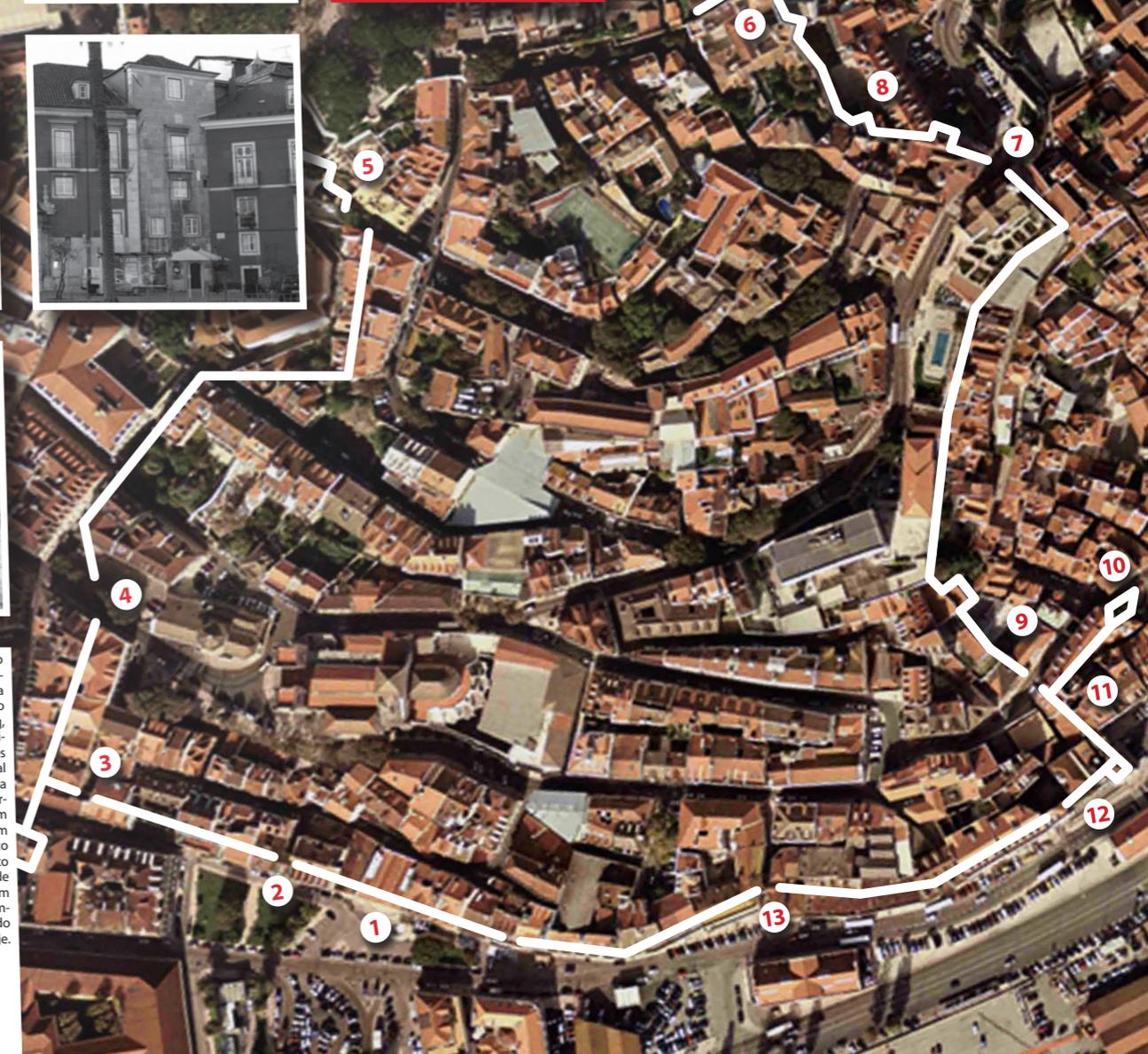
11

12 Chafariz de El-Rei / O Chafariz de El-rei foi construído entre duas torres da Cerca Velha e adossado à muralha, sendo possivelmente a mais antiga fonte pública de Lisboa, pois, segundo Vieira da Silva, já existiria no período romano, mas do lado interior da muralha. Este monumento teve um papel importante no abastecimento de água à cidade e especialmente no abastecimento dos barcos que partiam para as descobertas, desde o séc. XV. As duas torres não são actualmente visíveis, mas mantêm-se junto ao chafariz, ocultas pelas fachadas dos prédios. Nas torres contíguas ao Chafariz encontravam-se pelo menos cinco lápides romanas, com inscrições latinas.

12

13 Arco de Jesus / Segundo Vieira da Silva, o Arco de Jesus parece ter sido uma das antigas portas, que dava passagem entre a praia e o interior da cidade. No período islâmico esta porta seria denominada Bab al-Madiq, porta do estreito. Os registos escritos indicam que, aquando do cerco de Lisboa pelos castelhanos em 1373, já existiria neste local uma entrada para a cidade, chamada porta do furadoiro. Além disso, sabemos com certeza que, em 1588, existia aqui um arco com a denominação actual de Arco de Jesus. Em 1755, quando se deu o terramoto, este arco tinha, de um lado, os palácios de Francisco de Távora e, do outro, o palácio do Conde de Coculim. No Arco de Jesus existiriam compartimentos que pertenceriam a ambos os palácios, dividindo-se por cima do arco, tal como se pode observar ainda hoje.

13





torre pentagonal,
Palácio de Belmonte

pálio da Senhora da Moura, junto da
Rua de S. João da Praça

pano de muralha, Pátio das Oficinas da
Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

pano de muralha,
Rua da Judiaria

pano de muralha,
Rua da Judiaria

torre ameçada, Pátio das
Oficinas da Fundação Ricardo
do Espírito Santo Silva

A Cerca Moura é constituída por três lanços de muralha, dos quais apenas algumas partes permanecem hoje de pé, algumas ocultas por construções posteriores e outras à vista de quem passa. Os três lanços constituem-se por: o ocidental, da Ribeira até ao Castelo, com aproximadamente 350m; o sul, ao longo do rio Tejo, entre a rua da Padaria e o Chafariz de El-Rei, com cerca de 460m; o oriental do dito chafariz até ao Castelo, com 440m. Destes lanços, o que se apresenta em melhor estado de conservação, e o que pode até provocar algumas agradáveis surpresas a quem o procura, é o lanço oriental. Esta estrutura defensiva teve alguns momentos de relevo na história da cidade, pois, além das guerras e cercos que com certeza aconteceram ainda em época romana e visigótica, sabemos com mais algum pormenor a sua história na época árabe. Entre 714 e 716, Al-Ušbuna, com muita certeza defendida pelo castelo e por uma muralha em volta da cidade, é tomada, aparentemente, por Abd al-Aziz, filho de Musa. Desde então, uma minoria muçulmana impõe-se no governo da cidade até 1147; todavia, entre estas datas, Lisboa foi atacada e até mesmo conquistada, quer por Vikings quer pelo Rei Afonso II, além de ter sido refúgio e local de revolta dentro do próprio domínio muçulmano.

torre de Alfama,
Largo de S. Rafael

A Cerca Moura de Lisboa, também chamada "Cerca Velha" é um monumento nacional que consiste nos vestígios da estrutura defensiva que ainda hoje se pode observar de modo parcial nas ruas de Alfama. A muralha original foi provavelmente erigida no período tardo-romano (séc III-V) e depois muito possivelmente aproveitada e reforçada no período islâmico (sécs.VIII-XII), sobretudo no século X, após o saque de Ordonho III à cidade¹. A muralha que defendia Al-Ušbuna teria, segundo Augusto Vieira da Silva, aproximadamente 1250m de comprimento na sua extensão total, 2m a 2,5m de espessura e abrangia no seu interior uma área de aproximadamente 15,6 hectares. Sendo assim, a área total de Al-Ušbuna, aquando do seu apogeu em finais do séc. XI, seria de aproximadamente 30 hectares, juntando à já referida área intramuros dois arrabaldes com uma área conjunta de 15 hectares. Neste espaço, Cláudio Torres admite uma população na ordem dos 20 ou 30.000 habitantes, comparando-a aos grandes portos de Málaga e Almeria².

1 Cf. Matos, José Luís, "Lisboa Islâmica" *Arqueologia Medieval 7*, Porto, Edições Afrontamento, 2001.

2 Cf. Torres, Cláudio, "Lisboa Muçulmana - Um espaço urbano e o seu território" *Arqueologia Medieval 7*, Porto, Edições Afrontamento, 2001.

A Cerca de Al-Ušbuna

GEO | GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES
<http://geo.cm-lisboa.pt>

"A porta ocidental, a maior da cidade, é encimada por arcos sobrepostos que assentam em colunas de mármore, por sua vez apoiadas em envasamentos de mármore. Lisboa possui uma outra porta que se abre a Ocidente: chamam-lhe **Porta** de Alfôfa¹. Domina um vasto plaino atravessado por duas ribeiras que vão lançar-se no mar. Ao sul encontra-se outra porta, a **Porta** do Mar, na qual penetram as ondas pela maré cheia, e vêm, numa altura de três braças, bater contra a muralha contígua. A leste, uma porta, dita **Porta** de Alfama, que fica próxima da fonte termal situada junto ao mar. São termas abobadadas nas quais brota água quente e água fria e que a maré cheia cobre. Finalmente, uma porta a leste, a **Porta** do Cemitério."

Al-Himyari, *Kitab Ar-Rawd Al-Mitar* p.22.
Traduzido por António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe* vol. I, p. 57, Seara Nova, 1972.

¹ Nota de *Portugal na Espanha Árabe* (58):
Segundo David Lopes, *Porta de Alfôfa quer dizer «Porta de bandeira da Janela»*. Lévi-Provençal traduz por «Porta do Janelo». No século XV (aclamação de João II) subsiste ainda a *Porta de Alfôfa*.